

Problemas do Trabalho Humano

BYRON TORRES DE FREITAS

O TRABALHO humano oferece aspectos variados a quem o analisa, quer sob o ponto de vista da especialização das atividades, ou do mercado de trabalho, ou dos riscos profissionais.

E que a origem da Técnica remonta aos primeiros tempos da humanidade, logo depois que o homem, passando à atitude ereta, pôde libertar as mãos. Na primeira fase de desenvolvimento da Técnica, "as invenções aumentam o poder das mãos: é criada a *ferramenta*, simples projeção do órgão. Na segunda fase, é visado um efeito defensivo sob o impulso da força humana, é aumentado o poder de nossos sentidos: é criado o *instrumento*. Na terceira fase, há uma combinação do engenho humano, é facilitado o deslocamento no espaço, o efeito é mecânico: é criada a *máquina*.

Nesta fase é que mais se desenvolve a utilização das forças naturais: animal, água, vento, eletricidade, etc." (DELGADO DE CARVALHO). Conforme diz CLARK WISSLER, a invenção é um processo cumulativo, um passo depois do outro.

Quando o homem pôde estabelecer uma interpretação das relações existentes entre seres, coisas e fenômenos, a Arte e a Ciência se diferenciaram da Técnica. Esse processo de diferenciação resultou do esforço consciente do homem para satisfazer as suas necessidades, como indivíduo e como espécie, utilizando a *mão* e a *inteligência*. Costuma-se, por isso, dizer que o esforço voluntário para satisfação de necessidades — ou trabalho — pode ser *trabalho manual* ou físico e *trabalho intelectual*. Na verdade, há somente "predominância" e não "exclusividade" de um dos elementos.

A necessidade de defesa, na luta contra os animais e contra os obstáculos opostos pela natureza, constitui um dos fundamentos do *gregarismo*, que deu origem à família, ao clã, à tribo e à nação. Influências telúricas e antropológicas conduziram, pois, a uma *especialização das atividades humanas*, escalonada nestas quatro fases: 1ª — especialização territorial; 2ª — separação de ocupações; 3ª — especialização funcional; 4ª — divisão do trabalho.

Na divisão do trabalho, princípio evidentemente natural, a produção de cada comodidade é resultante do trabalho harmônico e coordenado de vários indivíduos, que se encarregam da confecção de peças.

A FADIGA

Uma das mais importantes causas de acidentes do trabalho é a fadiga.

A fadiga é responsável pela baixa de produção, por obras imperfeitas, pelo estrago de material, por acidentes, doenças, etc. O trabalho humano não é o de um motor, mas o de um aparelho psicofisiológico. O desconhecimento propositado desta verdade elementar tem causado enormes prejuízos à sociedade e à indústria.

Assim, de acôrdo com dados estatísticos publicados no Boletim do Ministério do Trabalho (janeiro de 1943) para um total de 5.486 acidentes ocorridos foram dispendidos, no 1º semestre de 1941 — Cr\$ 1.987.969,74 — distribuídos em 209.202 diárias para atender a um quadro de 289.267 indivíduos, dos quais apenas 25.399 segurados do sexo feminino.

O estudo dos problemas da fadiga preocupa numerosos pesquisadores. Entre nós, o assunto interessa restrito grupo de cientistas e industriais.

O decréscimo da eficiência, provocado pela fadiga, não é regular, para o que contribuem muitos fatores. KRAEPELIN observou, por exemplo, que a curva típica da fadiga mostra as seguintes fases:

1ª) um arranque inicial, devido à tendência para trabalhar depressa e bem, no começo do serviço;

2ª) um período de aquecimento, porque o trabalho alcança o melhor nível, em quantidade e qualidade, algum tempo depois do início;

3ª) um período de adaptação, resultante da familiarização do trabalhador com as dificuldades de sua tarefa;

4ª) um período de "plateau", com depressões e ascensões pouco acentuadas na curva da eficiência, em consequência de perda de interesse, abandono de esforço e fadiga;

5ª) um arranque final, quando o indivíduo, verificando estar o horário de trabalho a terminar, faz um certo esforço, seguido, entretanto, de completa fadiga.

THORNDIKE não apóia, todavia, essas conclusões de KRAEPELIN. Segundo pensa, "a fato mais importante acêrca da curva da eficiência duma função submetida a um exercício máximo contínuo de duas horas ou menos é que ela se aproxima tanto da linha reta como da linha horizontal. O trabalho faz-se com muito menos satisfação ou com muito mais aborrecimento, mas nem por isso é muito menos efetivo. A mais corrente resposta instintiva à intolerabilidade do trabalho mental é suspendê-lo completamente. Quando, como nas condições da experiência, essa resposta não se efetua, o hábito faz com que nós continuemos a trabalhar".

A fadiga constitui, então, uma defesa ao mesmo tempo automática e consciente. F. LAGRANGE define-a nestes termos: "la fatigue chez l'homme sain et normal, est une diminution du pouvoir fonctionnel des organes,

provoqués par un excès de travail et accompagnée d'une sensation caractéristique de malaise".

TISSIÉ distingue 4 graus de fadiga:

- a) *la lassitude* (lassidão), que tonifica depois do repouso;
- b) *l'épuisement* (cansaço), que atenua o poder de reparação, que provoca a aceleração das batidas do coração e a hipotensão;
- c) *le surmenage* (estafa), que irrita o sistema nervoso com a diminuição do apetite, supressão de sono, hipertensão;
- d) *le forçage* (esgotamento) que constitui uma moléstia grave, com parada do coração por inibição, com auto-intoxicação e fenômenos psíquicos patológicos.

Está verificado estatisticamente que a maior freqüência dos desastres ocorre pouco antes do almoço e nas últimas horas do expediente.

"O que se verifica atualmente — escreve BELGRANO MONT'ALVERNE — é um regime que obriga o servidor a permanecer sentado à sua mesa de trabalho, durante todo o expediente, ou o operário a empunhar sua ferramenta o dia inteiro. Ninguém poderá dizer, entretanto, que ambos produzem o máximo de suas possibilidades. O burocrata ainda pode trabalhar a seu modo, porque nos escritórios a mentalidade é outra e a natureza do exercício comporta interrupções próprias dos trabalhos mentais. Mas nas oficinas, se o consaço detiver o braço operário por instantes, não faltará quem o repreenda pelo atraso".

O empregado cede sua força de trabalho mediante uma retribuição que lhe garanta a subsistência, mas está claro que essa energia não deve ser malbaratada.

A luta contra a fadiga — vale dizer, contra os acidentes — repousa, conforme MONT'ALVERNE, na alimentação racional e em medidas que proporcionem comodidade ao trabalhador, visando impedir:

- 1º) excesso de trabalho;
- 2º) má organização do trabalho;
- 3º) posição inadequada do trabalhador;
- 4º) ambiente impróprio de trabalhar.

TAXA DE SALÁRIO

A fixação do salário — preço do trabalho — acha-se ligada à lei da oferta e da procura, que assim pode ser anunciada: *Os salários sobem se aumenta a procura e diminui a oferta, e baixam se diminui a procura e cresce a oferta.*

Acresce, entretanto, que a sociedade é uma instituição dinâmica, em constante evoluir. Sofre modificações contínuas, em sua economia, nos

hábitos sociais, nas modas, na tecnologia, sob o influxo de invenções e descobertas de toda espécie. Profissões acreditadas desaparecem, enquanto outras, novas, vão se impondo no mercado do trabalho, como sucedeu, em nossa geração, com o automobilismo, a aviação, o cinematógrafo, o rádio, a publicidade, a administração de negócios, etc.

Podem ser acrescentadas, a essa causa de variabilidade, mais as seguintes:

- 1º) habilidade técnica do trabalhador;
- 2º) riscos profissionais;
- 3º) prestígio da profissão;
- 4º) desemprego no grupo social.

Há ainda outros fatores determinantes da taxa de salário, como:

- a) intensidade da concorrência entre compradores e vendedores de trabalho;
- b) grau de espera, por uns e outros;
- c) interdependência entre o trabalho assalariado e o trabalho autônomo, na mesma região;
- d) intervenção dos poderes públicos (leis, regulamentos, opinião pública);
- e) oscilações do custo de vida e da moeda.